

PARA
JIM FOX

«Só peço para viver mais cem anos, para que a tua recordação
permaneça comigo mais todo esse tempo.»

JÚLIO VERNE, *Vinte Mil Léguas Submarinas*

1

— O tipo velho — disse o meu marido em voz baixa, com os lábios a roçarem a minha orelha. — Perto do sinal de saída.

— Para com isso.

A piada em si era velha como os calhaus.

O Jonathan empinou as sobrancelhas.

— Estou a falar a sério. Não parava de olhar para ti na fila dos bilhetes. A seguir, veio atrás de nós pela secção de Arte Medieval, e agora está ali parado. Estás a vê-lo? Olha para ti sempre que não estás a olhar.

— Toda a gente corta caminho pela secção de Arte Medieval — retorqui. — Não é propriamente uma perseguição.

Estávamos no Metropolitan Museum of Art, na cidade de Nova Iorque, estado de Nova Iorque.

— Eu não falei em perseguição.

O local não estava cheio de gente, segundo os padrões do Met. Não havia nenhuma exposição sensacionalista do Van Gogh ou do Instituto de Trajes para atizar as coisas. Se parássemos para observar as pessoas à nossa volta, era provável que voltássemos a ver algumas noutras alas.

— Aquele tipo? — perguntei, a inclinar ligeiramente a cabeça na direção de um homem alto e magro que parecia uma estrela do cinema francês, com calças de ganga pretas e caracóis pretos soltos.

O meu marido endireitou-se:

— Podes levar-me a sério por um minuto?

Porque é que o tipo francês havia de sugerir falta de seriedade? Não perguntei. O Jonathan ia partir no dia seguinte para o que poderia ser uma longa viagem e eu tinha acabado de publicar as notas do fim do ano letivo. Decidimos aproveitar a cidade, passar um dia agradável.

— Estou a levar-te a sério.

— Está bem, vamos subir um andar e ver o que acontece.

— Acabámos de chegar aqui.

Eu gostava da Ala Americana, dos vidros *Tiffany* e dos cartões de baseball, do busto trágico de Lincoln.

— Voltamos já.

Recomeçou a andar na direção das Armaduras, o corredor mal iluminado onde crianças em idade escolar observavam espadas e escudos. Um arrepio de alegria percorreu-me porque não eram as minhas crianças e não era a minha visita de estudo.

— Uma armadura pode pesar mais de vinte e cinco quilos — dizia a professora, ao passarmos, a ler os factos num cartaz, embora os miúdos tivessem idade suficiente para ler. Os rapazes estariam todos a imaginar-se em batalha com maçãs e as raparigas estariam a pensar nos cavalos sobrecarregados que tinham de levar tanto os homens como as suas armaduras.

— Ainda está connosco? — perguntei ao Jonathan.

Ele olhou sem olhar. Ou estava a inventar tudo ou teria sido um espião brilhante.

— Sim.

Acelerámos o passo na Arte Medieval. O Jonathan detesta a rapidez com que ando e detém-se com frequência para me deixar passar sem que eu note que ele já não está comigo, mas na Arte Medieval foi ele a ditar o ritmo. Acho que o tipo mais velho se aguentou connosco porque, quando chegámos à Grande Escadaria, o Jonathan perguntou-me se eu tinha arranjado um amante ciumento.

— Engraçadinho — reagi, e subimos.

— Se ele nos seguir até à Arte Moderna e Contemporânea, vamos ficar a saber.

— O que é que vamos ficar a saber?

Ajustei o meu ritmo de subida ao dele, atenta ao seu joelho.

— Que está apaixonado por ti — disse o Jonathan com generosidade. — Que os velhos não se fartam de ti.

Não era a primeira vez que me arrependia de lhe ter dito aquilo. Em minha defesa, só o disse uma vez e foi há décadas, sem nunca pensar que um dia estaríamos casados e que ele guardaria essa informação como um postal de recordação de outra época. O meu marido tinha-me levado como sua acompanhante a um jantar da direção do hospital, há mais de vinte anos, onde o chefe de cirurgia geral quase trepou por cima da mesa para se sentar ao meu lado. Depois, começou a contar-me todos os seus pensamentos sobre a apendicectomia de emergência que tinha realizado antes de chegar, sobre o que a comida nos nossos pratos estava a fazer aos nossos fígados, sobre a luz das estrelas. Quando a noite terminou por fim, o Jonathan pediu-me desculpa enquanto nos iam buscar o carro.

— Não faço ideia do que foi aquilo — disse ele.

Eu sabia o que se passara, mas foi estúpido da minha parte dizê-lo ao Jonathan: os homens mais velhos adoram-me. Sempre me adoraram. Nunca senti o mais pequeno interesse por parte de um homem da minha idade, mas mostrem-me um homem dez ou quinze anos mais velho, vinte anos mais velho, e ele vai puxar-me para o lado para me dizer que não se lembra da última vez que se sentiu assim. A minha intenção era ser engraçada, mas o Jonathan interpretou a minha explicação como uma autorização. Ali, na fila para nos trazerem o carro, ele tomou-me nos braços e beijou-me enquanto o carro se aproximava, com os faróis a banhar-nos numa luz branca. Na altura, ele tinha quarenta e sete e eu trinta, tal como ele tem setenta e eu cinquenta e três agora.

No topo das escadas de mármore do museu, virámos à esquerda, contornando a secção de Desenhos e Gravuras e dirigindo-nos diretamente para a secção de Arte Moderna e Contemporânea. Por isso, tive de fazer justiça ao meu marido. As pessoas não vão ao segundo andar e ignoram a secção de Desenhos e Gravuras, a menos que tenham um objetivo específico. Eu, por exemplo, nunca fui à secção de Arte Moderna e Contemporânea no Met porque existiam outros lugares nesta cidade para visitar se moderno e contemporâneo fosse o que eu

procurava, mas ali estava ela, uma laje monumental de granito na qual tinham sido esculpidos dois cavalos. Ou talvez não fossem tanto dois cavalos, mas sim um cavalo e o seu fantasma. Era a única peça na sala, fixada à parede diante de uma fileira de janelas com vista para o Central Park. Tínhamos evoluído bastante desde aqueles anjos de rosto liso e as suas auréolas douradas, lírios oferecidos e vestidos de veludo.

— Quem é isto? — perguntei ao meu marido.

— Ali está ele — disse o Jonathan, e, por um segundo, pensei que se referia ao artista.

Não era o artista, mas sim um homem idoso, visivelmente ofegante devido à longa distância que tínhamos percorrido. Entrou na sala onde no encontrávamos e, ao ver que o estávamos a observar, afastou-se imediatamente.

— Oh — disse eu ao Jonathan.

— Sim — respondeu ele.

Fui até à parede, sabendo que não devia tocar na arte, mas com vontade de fazer exatamente isso. *Dois Cavalos*, Charles Ray, nascido em Chicago, 1953.

— Sabes quem ele é? — perguntou o meu marido. Continuava a não estar a falar de arte.

Abanei a cabeça.

— O que queres fazer?

— Fazer? — perguntei. *Estás a ver isto?*

— Não me digas que não estás interessada.

Eu não estava interessada na atenção de um estranho, nem ela me incomodava. Os homens raramente compreendiam isso.

— Como é que sabes que ele não está a olhar para ti? — perguntei.

— Pensaste nisso? Talvez tenham andado juntos na escola.

Mas, esperem, não era isso que eu queria dizer. Soou pouco amável. O homem era claramente mais velho do que o Jonathan. O velhote era mais velho do que o meu velhote.

— Não sou eu — disse o meu marido.

— Está bem, então sou eu. Não o vamos convidar para jantar.

— Não tens nenhuma curiosidade?

Eu tinha muita curiosidade, mas não estava curiosa sobre isto. O meu querido e falecido pai, a quem não vi o suficiente em vida, deu-me um conselho que me tem sido infinitamente útil: se não te queres envolver com alguém, não te envolvas. Com isto, queria dizer para não dar uma pancada na lateral do carro que nos corta o caminho na passadeira, porque a pessoa que vai lá dentro pode ter uma arma. Não penses que podes dizer o que tens a dizer e depois ir-te embora. Era nisso que eu estava a pensar quando o Jonathan se afastou para ir atrás do homem que me tinha seguido até ali. Não que o Jonathan estivesse zangado; não era nada disso. Ele pretendia iniciar uma conversa com um estranho.

Eu não queria pensar em nada além daqueles cavalos, mas a distração causada pela ausência do meu marido revelou-se poderosa. O Jonathan tinha-se ido embora e continuava ausente. Quando fiquei irritada, fui à procura dele.

Ali estavam eles, os dois enfiados num canto da galeria seguinte. O Jonathan estava a falar, e o homem, que usava um *blazer* azul-marinho, uma camisa cor-de-rosa e calças cinzentas, olhava para ele e acenava com a cabeça. Tinha o cabelo espesso, liso e muito branco, e os óculos eram de tartaruga e redondos, encimados por um par de sobrancelhas bem marcadas. Quando me viu a atravessar a sala, tocou no braço do meu marido, e o meu marido virou-se e sorriu para mim, um sorriso que dizia: Não vais acreditar nisto.

— Não vais acreditar nisto — disse ele.

— Está bem — respondi, e depois cumprimentei o homem.

Ele acenou-me com a cabeça, como se quisesse falar e não conseguisse. O seu evidente constrangimento fez-me sentir ternura por ele. Eu sei, queria eu dizer a este estranho a respeito do meu marido, ele faz isto às vezes.

— Este é o teu padrasto — disse o Jonathan.

Olhei para o homem e depois para o Jonathan. Claro que não era o meu padrasto. O Lucas Ekker vivia nos arredores de Boston, numa casa grande, com a minha mãe.

— Continua a recuar. Mais um padrasto — disse o Jonathan, observando-me a pensar.

— Desculpa — disse o Eddie Triplett.

Tudo isto aconteceu discretamente; ninguém se virou para ver o drama da vida a desenrolar-se na galeria, mas, mesmo assim, emiti um som. Levei a mão à boca para o silenciar, mas já era tarde de mais. Era a voz dele, a voz do Eddie Triplett a sair da boca deste velhote.

— Eddie.

— Não era minha intenção perseguir-te — disse ele.

— Ele pensou que tinha visto a tua mãe — disse o meu marido.

O Eddie abanou a cabeça:

— Eu sabia que não era a tua mãe.

— No início — disse o Jonathan. — Quando te viu pela primeira vez. Olha, estás a chorar. A Daphne nunca chora — disse ele ao Eddie. — Consigo contar pelos dedos de uma mão as vezes que isso aconteceu.

Interrompeu-se para tirar o lenço do bolso e para mo entregar.

— Patinha — disse o Eddie, com a voz cheia de tristeza.

E, com aquilo, baixei a cabeça e tapei o rosto. Não sabia que havia algo em mim que se pudesse partir, mas havia, e partiu-se. Entrei numa fenda aberta no tempo e caí para trás. Não foram apenas algumas lágrimas. O Jonathan envolveu-me os ombros com o braço, sem compreender nada, mas sabendo que a grande revelação não devia ter acontecido ali, em frente da arte.

— Que tal nós os três irmos para a Sala de Jantar e tomarmos um copo de água, uma chávena de chá?

Terei acenado com a cabeça? Não importava. Não disse nada enquanto o meu marido nos conduzia para fora da secção de Arte Moderna e Contemporânea, com o Eddie Triplett a seguir-nos. Lembrava-me do Eddie Triplett como um homem mais alto, mas isso era porque eu era bastante pequena na altura em que nos conhecemos. Não o via há mais de quarenta anos, quase quarenta e cinco. O Eddie Triplett seguia agora atrás de nós, a desejar morrer. Como é que eu o sabia? Porque eu própria queria morrer e os nossos corações estavam para sempre unidos, o meu e o do Eddie.

A Sala de Jantar ficava mais ou menos por cima de nós. O Jonathan sabia onde ficavam os elevadores e conduziu-nos até lá, em parte, para me facilitar as coisas e, em parte, porque o seu joelho magoado piorava quanto mais o usava. Entrámos os três na caixa mecânica vazia e, assim

que as portas se fecharam, o meu choro cessou abruptamente, como se tivesse recolocado no lugar a parte de mim que se tinha soltado. Assoei o nariz suavemente no lenço do Jonathan e olhei para o Eddie. Como é que nunca me tinha ocorrido que um elevador se parecia tanto com um carro a apontar para cima? Um carro elevador.

— Recorda-te alguma coisa? — perguntei.

— *Ver os EU-A no teu Chev-ro-let* — cantarolou ele baixinho, com os olhos fixos nos números iluminados acima da porta.

E aquilo fez-me rir tão de repente que mais pareceu um latido.

— Não percebi a piada — disse o Jonathan.

— Em tempos, essa era a canção preferida da sua mulher — disse o Eddie.

As portas abriram-se. Só tínhamos subido dois andares.

— Isto é uma sensação muito estranha — disse eu.

— O quê? — perguntou o Jonathan, ainda a segurar-me pelo braço. Dava para perceber que estava a começar a preocupar-se comigo.

— Um estranho a perseguir-te no Met — disse o Eddie, respondendo por mim. — No início, nem sequer sabia o porquê de te estar a seguir. Bem, tu pareces-te mesmo com a tua mãe.

— Eu não me pareço com a minha mãe.

A minha mãe, tal como a minha irmã, tem uma beleza genuína, daquelas que não sucumbem com a passagem o tempo.

— Parece, sim — disse o Jonathan com alguma relutância. Ele não atinava com a minha mãe, que por sua vez gostava muito dele.

O Eddie concordou.

— Tens a altura dela, a confiança dela, e a forma como andas é igual à da tua mãe.

— E há também o riso — disse o Jonathan.

— Eu não me rio como a minha mãe — disse eu.

O Eddie abanou a cabeça.

— Não importa. Não achei que estivesse a seguir a tua mãe. A tua mãe tem a minha idade. — Interrompeu-se, atingido por um pensamento. — A tua mãe ainda está...

— Muito.

Ele acenou com a cabeça.

— Ótimo, ótimo. Só posso dizer que sabia que eras alguém que eu conhecia, mas não conseguia lembrar-me exatamente de onde te conhecia. Quando se chega a uma certa idade, acontece isso. Quando te segui pelas escadas, tive o pensamento terrível de que podias ser uma atriz famosa ou uma soprano, e que eu te estava a perseguir. Não sabia que me tinham visto. Considero-me alguém que se mistura na multidão.

— Acredita em mim — disse eu. — Eu nunca te teria visto.

— Eu vi-o — disse o Jonathan.

Inclinei a cabeça na direção do meu marido.

— Ele está mais atento ao que se passa à sua volta do que eu.

— Ainda bem para vocês — disse o Eddie. — É assim que nos desenrascamos na cidade. Vocês os dois moram aqui?

— Westchester — disse eu.

— Bronxville — disse o Jonathan, sendo mais específico. Estávamos na fila para uma mesa. Ele deu o seu nome à rececionista.

— Esse é o sonho — disse o Eddie. — Ver algumas árvores e relva logo de manhã. Ver um esquilo, encher os comedouros dos pássaros, conduzir um carro. Achei sempre que iria chegar o dia em que sairia daqui, mas nunca saí. Digo a mim mesmo que tenho de viver aqui. Saio muito à noite.

— Agora que está reformado? — perguntou o Jonathan. Agora que estava reformado, o Jonathan achava que toda a gente se devia reformar. Achava que eu me devia reformar.

Mas o Eddie desapontou-o.

— Não, não. Não estou, de todo, reformado. Fui para o escritório esta manhã, pontualmente, mas, quando cheguei lá, estavam a fazer algum tipo de trabalho numa conduta de água. Não faço ideia do que era. Tinham fechado a torneira para todo o edifício e mandaram toda a gente para casa, ou melhor, mandaram para casa toda a gente que lá estava. Os jovens preferem trabalhar à distância. Gostam de trabalhar na cama com os seus cães. Mas, para mim, não haver água significa um dia livre. Pensei: «Quando foi a última vez que fui ao Met?» Foi um capricho. Vim por capricho.

O Eddie Triplett tinha a mesma idade que a minha mãe, e a minha mãe tinha setenta e seis anos. Isso eu sabia.

— O que faz? — perguntou o meu marido, o que me poupou de ter de fazer a pergunta.

O Eddie era editor na Random House.

As pessoas fazem referências românticas aos seus corações a saltar, mas, naquele momento, eu diria que o meu coração saltou. Ainda era editor. Costumava fazer disso um jogo quando a minha irmã e eu éramos crianças. Ele dizia:

— Quando os miúdos na escola vos perguntarem o que o vosso padraсто faz, o que lhes dizem?

— O Eddie é *editor*! — gritávamos.

Ele disse que todos os editores juniores se chamavam Eddie, a menos que fossem mulheres, caso em que se chamavam Edie, e que os editores seniores eram ou Ed ou Edwina, enquanto o tipo no topo da hierarquia, conhecido como chefe, se chamava Edward. Infelizmente, não havia nenhuma mulher no topo da hierarquia. Ele disse que seria nossa função tentar mudar isso. O Eddie e a minha mãe trabalhavam ambos na editora Houghton Mifflin, em Boston — foi lá que se conheceram —, ele no departamento editorial, claro, dado o seu nome, e ela na publicidade, dada a sua propensão para falar ao telefone e dar festas. Quando mandou o Eddie embora, ela insistiu que ele deixasse não só a nossa casa e a nossa família, mas também o seu emprego.

— Não vou trabalhar todos os dias para ver o meu ex-marido na sala de descanso — dissera ela.

Mas essa punição não excederia em muito o crime, fosse ele qual fosse?

— Não podes fazer isso! Não podes obrigá-lo a deixar o *emprego*!

Onde é que alguém expulso da profissão que lhe dera o nome iria encontrar trabalho? Na altura, eu não percebia que havia mais do que uma editora no país. Pensava que todos os livros vinham da Houghton Mifflin.

Tê-lo-ei dito à minha mãe ou apenas o pensei? Como todas as crianças, eu acreditava que a culpa pelo divórcio deles era minha, embora, neste caso, eu fosse realmente a culpada. O passado tinha acontecido há muito tempo e, embora eu não tivesse a certeza dos detalhes, parecia que tinham ficado todos bem.

A empregada levou-nos à nossa mesa, e o Jonathan e eu pedimos uma chávena de chá e uma fatia de bolo de amêndoa para partilhar.

O Eddie olhou para o *menu* durante mais um instante e depois para nós.

— Importam-se muito se eu beber um copo de vinho? Tem sido uma manhã daquelas.

Não nos importámos nada. Nenhum de nós se ofereceu para o acompanhar, mas concordámos que tinha sido uma manhã daquelas. Olhando em redor da Sala de Jantar, parecia que metade dos clientes também estavam a beber um copo de vinho para lidar com as suas manhãs. O Eddie pediu um *Chardonnay*.

O Eddie Triplett, sentado do outro lado da mesa, sorriu para mim. Eu lembrava-me de como sentira dolorosamente a sua falta quando ele partira, mas quanto tempo durara essa saudade? Um ano? Dois anos? Será que o Eddie Triplett alguma vez me passou pela cabeça na secundária? Será que perguntei para comigo o que teria sido dele depois de ir para a faculdade?

— Conta-me tudo — disse eu, porque tudo era o que eu queria.

— Vim para Nova Iorque depois de Boston e arranjei um emprego na Simon & Schuster, que acabou por ser melhor do que o que tinha na Houghton. E gostei de viver na cidade. Portanto, agradeço à tua mãe por isso. Fiquei na S&S cinco anos e depois mudei-me para a Random House, que acabou por ser a minha última paragem.

— Quando é que se vai reformar? — perguntou o Jonathan, levando a conversa de volta ao seu tema favorito. Ele não gostava de ver um homem mais velho do que ele ainda a trabalhar, porque isso o obrigava a questionar as suas escolhas.

— Quando chegar ao meu escritório uma manhã e encontrar tudo empacotado em caixas. O que é que faz?

Era óbvio que o Jonathan queria que ele lho perguntasse.

— Área da saúde. Trabalhava na administração de um hospital.

O Jonathan disse-lhe o nome do hospital.

— Colocaram-me um *stent* lá uma vez, há quase três anos — disse o Eddie, como se estivesse a falar de um restaurante que servia bom peixe. — Entrei e saí no mesmo dia. Excelente equipa.

O Jonathan sorriu, radiante. Agradeceu-lhe.

— Sempre me orgulhei do trabalho que fazíamos na área dos cuidados cardíacos.

— Então, gostava do trabalho, mas reformou-se?

O Jonathan acenou com a cabeça.

— Foi uma reorganização antes da venda do hospital. Os quadros superiores receberam uma excelente indemnização.

— Ah, as indemnizações. Eles fazem o possível para mandar os mais velhos embora. E tu? — disse ele, virando-se. Sempre que olhava para mim, ficava mais animado. — Diz-me que és escritora.

Eu tinha-lhe prometido na noite do acidente — tínhamos prometido um ao outro que seríamos ambos escritores. Escreveríamos livros e dedicá-los-íamos um ao outro. Agora, disse-lhe que não era, o que não fazia mal. Não estava presa a uma promessa que a minha versão de nove anos tinha feito. Disse-lhe que ensinava Inglês numa escola para raparigas. Ele perguntou-me qual e eu disse-lhe.

— Nunca é tarde de mais — disse ele.

— Na verdade, é.

— Mas a Daphne dá aulas de Escrita Criativa — disse o Jonathan.

— Todas as raparigas da escola querem frequentar a aula de Escrita Criativa da senhora Fuller.

Eu sabia que ele estava a tentar dizer ao Eddie que eu era mais do que parecia, mas a explicação pareceu fraca e triste.

— A senhora Fuller?

— Sou eu. — Enchi novamente as nossas chávenas com o pequeno bule branco. — Adotei o apelido do Jonathan.

Era o nome do Eddie que eu queria quando era criança — Daphne Triplett —, um facto verdadeiro e esquecido, recuperado de onde? Da chávena de chá? Daphne Triplett teria sido uma grande melhoria em relação a Daphne Zabriskie. A minha mãe disse que o meu pai, por mais distante que fosse, nunca o aceitaria e que eu não lho devia perguntar porque seria doloroso. Claro que ela tinha razão. Ainda assim, imprimir este verdadeiro nome na folha de rosto de todos os livros que possuía, os de *Nancy Drew* e *A Teia de Carlota*: «Este livro pertence a Daphne Triplett.» Planeava usá-lo como pseudónimo. Conteí tudo isso ao Eddie enquanto estávamos pendurados, de lado, no carro, e ele

dissera: «Nom de plume.» Tudo ficava mais convincente quando era dito em francês, comentara ele.

— Voltaste a casar? — perguntei. Havia uma Sra. Triplett agora? Ele não usava aliança, o que não significava absolutamente nada.

Deu um longo gole no *Chardonnay* e, em seguida, abanou lentamente a cabeça.

— Temos de saber em que é que somos bons e em que é que não somos. Eu não era bom no casamento.

— Filhos? — perguntei, porque era isso que queria saber: o Eddie teria filhos? A minha mãe tinha voltado a casar-se e tinha dois filhos com o Lucas Ekker. «Os Ekkerzinhos», era o que eu e a minha irmã chamávamos aos nossos meios-irmãos quando estávamos sozinhas no nosso quarto. Eles chamavam-se Christopher e Matthew, porque nessa altura o interesse da minha mãe pela mitologia já tinha diminuído. O Christopher e o Matthew estavam agora na casa dos quarenta.

O Eddie olhou para mim com amor. Não havia outra palavra para descrever aquilo.

— Só tu e a tua irmã — disse ele. — O que anda a Leda a fazer?

Mantivemos a mesa durante o almoço, pedindo saladas para acompanhar o bolo, enquanto o Eddie comia uma fatia de *quiche* e bebia um segundo copo de vinho. Falei-lhe da Leda, que era psicóloga clínica; dos filhos dela, o mais novo dos quais ainda estava na secundária; do marido, Steve, que ganhava muito dinheiro num fundo de investimento. Viviam num apartamento espaçoso no Upper West Side, com vista para o parque. A Leda dizia que podia limitar a sua clínica a um raio de dez quarteirões e estar ocupada doze horas por dia, sete dias por semana, enquanto mantinha uma lista de espera de dois anos. Em vez disso, tinha reduzido o seu trabalho para escrever uma coluna no *New York Times* chamada «O Seu Psicólogo».

— Não! — O Eddie pousou o garfo. — Eu leio «O Seu Psicólogo». É a nossa Leda?

— A nossa Leda. Acabou por ser ela a escritora.

Ele pensou por um momento:

— Doutora Ha.

— O Steve é coreano.

— Fuller e Ha? Pensava que, hoje em dia, todas as mulheres modernas mantinham os seus apelidos.

Abanei a cabeça. Quando nos foi dada a escolha entre o apelido do nosso pai ou o do nosso marido, optámos pelo dos nossos maridos.

— Que terapeuta não gostaria de ser a doutora Ha?

— Vocês, meninas, podiam ter feito qualquer coisa. — Ele olhou para o Jonathan. — Não teria acreditado nesta miúda. Eu era novo naquela altura. Pensei, por engano, que ela fosse representativa da sua geração. Acho que nesse tempo não compreendi o quão extraordinária tu eras.

— Éramos miúdas — disse eu.

— Ela continua a ser incrivelmente inteligente — disse o Jonathan com carinho, e, pela segunda vez, desejei que ele parasse com os elogios.

Mas o Eddie manteve-se firme:

— Ela era extraordinária.

Esta adoração desenfreada por parte de um estranho deixava-me envergonhada. Eu, que estava habituada apenas à adoração de certas adolescentes que idolatravam a Jane Austen e a Toni Morrison. Comecei a falar de livros, uma brilhante manobra de conversação da minha parte, já que o Eddie tinha lido tudo o que me ocorria perguntar-lhe. Alguns dos livros que lhe recomendei eram livros que ele, afinal, tinha editado.

— Nunca conheci ninguém que lesse tanto como a Daphne — disse o Jonathan. O Jonathan, que oscilava entre o espanto e o choque no que dizia respeito às minhas leituras. As várias pilhas ao lado da nossa cama ultrapassavam, por vezes, a altura da nossa mesa de cabeceira.

— Bem, agora já conhece dois — disse o Eddie.

Quando chegou a altura de nos irmos embora — e essa altura tinha passado uma hora antes —, o Eddie tirou um pequeno bloco de notas de couro do bolso da camisa e uma caneta minúscula, perguntando se me podia dar o seu número.

— Posso guardá-lo diretamente no meu telemóvel — disse eu, pegando na minha mala.

Ele abanou a cabeça, escrevendo o seu nome e apelido, não fosse eu encontrar outra folha de papel na mala com a palavra «Triplet» e ficar confusa. Notei que aquela folha de papel era agora a única coisa que eu

possuía que ele me tinha dado. Tenho a certeza de que ele me deu muitas coisas quando eu era pequena, mas a vida é longa e houve muitas mudanças nos anos que se passaram. Não só não me restava nada do Eddie, como não me conseguia lembrar do que essas coisas poderiam ter sido. Estendi a mão para pegar no bloco de notas dele, para poder escrever o meu número em troca, mas ele recusou.

— É possível que depois do almoço caminhes até à estação de comboios e digas ao teu simpático marido: *Mon Dieu!* Aquele homem! Pensei que não nos íamos livrar dele. Se for esse o caso, ficarás aliviada por não me teres dado o teu número.

— Eddie — disse eu, e coloquei a minha mão sobre a dele.

Ele olhou para as nossas duas mãos, ali, sobre a mesa. Esperou.

— A tua mãe chamava-me Eddie — disse ele por fim. — Só a tua mãe, tu e a tua irmã.

— Não sabia.

— Não haveria motivo para saberes.

— Como é que as pessoas te chamam?

Olhou então para mim, sorriu.

— Nunca te direi — disse. — Nunca vais saber. Vais ter de me chamar Eddie para o resto da tua vida.

Descemos juntos de elevador e o Eddie acompanhou-nos até ao biombo do coro da Catedral de Valladolid, antes de me dar um abraço de despedida. O pescoço dele cheirava levemente a sabonete *Ivory* e fui dominada pela memória desse cheiro, dessa única noite em que dormi com o rosto enterrado no pescoço dele em busca de calor. Ele apertou a mão do Jonathan. Disse que ia voltar para procurar um Monet específico, um palheiro na neve, que não via há anos. Não fazia ideia se ainda estaria lá, embora, com certeza, não tivesse sido vendido. O Monet era o capricho que o trouxera ao Met no dia em que cortaram a água na Random House.

O Jonathan e eu não voltámos à Ala Americana. Saímos do museu e adentrámos a luz límpida de maio. O dia tinha ficado arruinado para qualquer outra coisa e ambos o sabíamos. Íamos para casa.

— Aquilo foi especial — disse ele após dois quarteirões inteiros de silêncio. Não que a cidade estivesse silenciosa. Apenas nós.

O dia estava pouco quente, mas tinha sido um maio invulgarmente frio. O facto de estar mais calor do que nos outros dias tinha levado as pessoas a correr para casa, tirar as colchas das camas e a levá-las de volta para o parque, para as poderem estender na relva. Algumas pessoas, com pouco tempo, estavam deitadas na relva sem o conforto de uma colcha.

— Faz-me um favor — disse eu, pegando no braço do meu marido.
— Deixa-me ir ver a Leda. Deixa-me ir por uma ou duas horas sem me sentir mal por te abandonar. Depois apanho o comboio e encontro-te em casa.

Ele parou de andar:

— Quando é que alguma vez te fiz sentir mal por ires ver a tua irmã?

— Nunca, mas sinto-me mal na mesma. Era suposto passarmos o dia juntos e não o fizemos, e agora sinto-me culpada porque te vais embora amanhã.

— Vou-me embora amanhã para ir ver a minha irmã — disse ele.
— Caso não te lembres.

— Lembro-me.

O Jonathan olhou para mim.

— Então, eis um compromisso: manda-lhe uma mensagem a ver se ela está em casa e, se estiver, deixa-me acompanhar-te até lá. Prometo que não vou subir, por mais vezes que ela me peça.

Talvez tivesse sido bom atravessar sozinha o parque e organizar as ideias, mas era um pedido razoável. Encostámo-nos ao muro de pedra que circundava o parque e enviei uma mensagem à minha irmã para ver se ela estava em casa, perguntando-lhe se podia ir lá. A Leda não atendia pacientes às quintas-feiras. Mantinha o dia livre para trabalhar na sua coluna, mas como a coluna só saía uma vez por mês, passava muitas vezes as quintas-feiras a tratar de coisas, ou ia a uma aula de ioga, ou almoçava com uma amiga. Recebi a resposta dela de imediato. Dizia que não estava em casa, mas estava perto. Vinte minutos? Perguntou-me se estava tudo bem.

Respondi-lhe que sim.

— Estou a tentar lembrar-me do que alguma vez me tenhas contado sobre o Ed Triplet — disse o Jonathan enquanto começávamos a

atravessar o parque. — Não me lembro de nada além de que a tua mãe teve três maridos. Nem sequer tenho a certeza de que sabia o nome dele.

O Jonathan via isto como uma falha da sua parte. Adorava fazer-me perguntas sobre o passado: amigos da secundária e férias em família. Lamentava não me ter perguntado mais sobre alguém de quem eu própria já me tinha praticamente esquecido.

Para mim, o passado era um buraco negro. Não que fosse terrível, mas não havia nada para mim ali.

— O Eddie não durou muito — disse eu. — Um ano, talvez dois, do início ao fim. A Leda e eu éramos loucas por ele, mas quando se foi embora, ele foi mesmo.

— Não vos visitou depois de se ir embora?

O meu marido tinha duas filhas adultas. Não conseguia imaginar alguma vez deixá-las.

Mas nós não éramos filhas do Eddie. O casamento foi tão breve que mal éramos suas enteadas. Abanei a cabeça.

— A minha mãe bloqueou-o. Pelo menos, foi o que eu disse a mim mesma quando tinha nove anos, e acho que tinha razão. Nada de visitas, nem cartões de aniversário, nada. Tenho a certeza de que ela achou que iríamos superar melhor a situação dessa forma, que iríamos esquecê-lo. Provavelmente, tinha que ver com o meu pai. Era ele quem ela queria bloquear, mas não lhe foi permitido fazê-lo, ao passo que tinha controlo total sobre o modo como as coisas se desenrolaram com o Eddie.

— Alguma vez pensaste em tentar encontrá-lo?

Oh, este momento, quando todas as folhas estavam frescas e os lilases estavam a florescer e Nova Iorque parecia a melhor ideia. O presente, queria eu dizer ao meu marido, vamos viver aqui.

— Pensei nisso quando tinha nove anos, mas quando os computadores domésticos acessíveis foram inventados e a Internet já estava a funcionar, acho que já me tinha esquecido.

Terei desiludido o Eddie? Na altura, tive a certeza disso. Talvez tivesse razão.

O Jonathan passou-me o braço pelos ombros e beijou-me na cabeça.

— Pobrezinha — disse ele.

— Saí-me bem.

— Saíste-te melhor do que bem, mas eu conheci o teu pai, conheço o teu padrasto e agora já almocei com o Ed Triplett, e tenho de dizer que, dos três, o melhor foi o que escapou.

O meu pai, um tal Neil Zabriskie, conhecido como Buddy, foi a razão pela qual conheci o Jonathan, já que o meu pai estava a morrer de melanoma metastático no hospital de Gloucester, no Massachusetts, onde o Jonathan trabalhava. O Jonathan gostava de visitar os doentes para perguntar como estavam as coisas. Voltou mais tarde para ver como estava o Buddy, para saber se estava satisfeito com os cuidados que recebia. Voltou ainda mais tarde para me trazer uma chávena de café enquanto o Buddy dormia, com as suas intenções bem evidentes. Já foi determinado que os velhos me adoram, mas também era verdade que a mulher do Jonathan, a muito amada primeira Sra. Fuller, tinha morrido de melanoma metastático cinco anos antes. Ele tinha algumas perspetivas sobre a doença, sendo a principal que eu não devia ficar zangada com o meu pai por não ter ficado atento a esta coisa que o estava a matar. Não só a mulher do Jonathan tinha estado atenta à doença, como estava na mente de todos os oncologistas do Nordeste, sendo a primeira a ser chamada para ensaios clínicos adequados. Ela lutara como um leão e, mesmo assim, o cancro levava-a. Isto não era culpa minha nem do Buddy — era isso que o Jonathan Fuller tinha voltado ao quarto para me dizer. Depois, convidou-me para jantar com ele para podermos falar mais sobre o assunto.

O Jonathan e eu continuámos a caminhar pelo parque, passando pelo lago, com todas as suas tartarugas, pelo Castelo Belvedere e depois pelo Teatro Delacorte, pelo Jardim de Shakespeare e pela Bow Bridge. Estávamos a andar na direção de Strawberry Fields quando percebi porque é que ele tinha querido vir comigo; queria impedir que eu me perdesse. Nos melhores momentos, era provável que virasse na direção errada no Central Park, e, quando estava distraída, tinha o potencial de ficar perdida durante dias. Talvez fosse por isso que ele ficava irritado quando eu caminhava tão depressa; ele sabia que eu não fazia ideia de para onde estava a ir.

O Jonathan acompanhou-me até à porta do prédio da Leda, o Gallant Green, e disse-me para lhe ligar a dizer em que comboio iria regressar a casa.

— Dependendo das horas, jantamos na cidade — disse ele, dando a entender que não esperava que eu estivesse de volta em duas horas.

O meu marido deu-me um beijo de despedida em frente ao prédio da minha irmã e eu estava a pensar em como, em algum momento, iria contar tudo isto ao Eddie: o passeio pelo parque, a constatação da bondade do Jonathan e como conseguia imaginar a cara da Leda quando dissesse o nome do Eddie. Consequia recordar esta sensação da infância, de esperar que ele voltasse do trabalho no comboio suburbano para eu lhe poder contar tudo.

— A minha irmã já voltou? — perguntei a Mohammad. Visitava a Leda com tanta frequência que os porteiros do prédio dela já me conheciam. Em resposta, virou a cabeça e soltou um assobio rápido. Do outro lado do átrio, a Leda ergueu os olhos da pilha de correio que tinha nas mãos e sorriu. A bela Dra. Ha. Eu devia ter conseguido esperar até estarmos no apartamento para lhe contar o que tinha acontecido ou, pelo menos, esperar até estarmos no elevador, mas não tive disciplina para tanto. Atravessei o átrio e abracei-a. Ela cheirava a laranjas e verbena.

— Nunca na vida adivinharias quem o Jonathan e eu vimos no Met — disse eu.

— O Bruce Springsteen — disse ela. Ela já tinha visto o Springsteen uma vez, na livraria Three Lives, no West Village, e andava à procura dele desde então.

Eu não queria transformar isto num jogo, especialmente um jogo que ela não tinha nenhuma hipótese de ganhar, por isso contei-lhe.

— O Eddie Triplett? — perguntou ela, como se o nome a intrigasse. A Leda era mais nova do que eu, o que significava que tinha, o quê, seis ou sete anos na altura? Com certeza que se lembrava do Eddie.

— O nosso padrasto.

— Eu sei quem ele é — disse ela, com as faces coradas. — Mas é tão estranho. O Eddie. Como é que o reconheceste? Ele deve ter uns setenta anos agora.

— Setenta e seis. Não o reconheci, mas, quanto mais penso nisso, mais acho que ele se parecia de facto com ele mesmo. Talvez tivesse passado por ele num museu, mas se colocasses seis padrastos numa fila, sei que o teria identificado.

— Seis padrastos numa fila! Ah, se a mãe se tivesse casado mais quatro vezes. Isso teria sido um jogo fantástico. — Carregou no botão do elevador e as portas abriram-se. — O que é que a mãe disse quando lhe contaste?

— Ainda não lhe contei. Deixámo-lo há menos de uma hora. Se voltássemos ao Met agora mesmo, é provável que o conseguíssemos encontrar. Ligo-lhe mais tarde. Queria contar-te primeiro.

Na verdade, não me tinha ocorrido ligar à nossa mãe, embora, claro, o fosse fazer.

— Ou talvez não lhe contes. A mãe não gosta de narrativas contraditórias. Ela é casada com o Lucas, ponto final. Os rapazes trazem as suas famílias para casa no Natal. Ela decidiu que o passado foi feliz e que por isso não tem motivos para pensar nele.

Perguntei-lhe onde é que nós encaixávamos nessa narrativa.

— Não encaixamos — disse ela.

Quando as portas do elevador voltaram a abrir-se, percorremos o corredor até ao apartamento dela.

A minha irmã recebeu o nome de uma rapariga violada por Zeus, o deus dos deuses, que se transformou num cisne para o efeito. Eu recebi o nome de uma rapariga cujo pai, o deus do rio Peneu, a transformou numa árvore para a salvar de ser violada pelo deus Apolo. A Leda gostava de dizer que isso fazia de mim a sortuda, mas eu nunca tive a certeza. A Daphne tinha sido salva, mas iria ficar uma árvore para sempre, uma árvore virtuosa, enquanto a Leda continuava a ser humana, embora os seus filhos tivessem chegado num conjunto de ovos. A nossa mãe tinha frequentado um semestre de Mitologia Grega na faculdade, o que a tocou profundamente. Quando nos disse que tinha desejado uma terceira filha para lhe chamar Persephone, a Leda e eu agradecemos às nossas constelações da sorte.

Recordar o quão jovem a nossa mãe era quando se apaixonou pelo Buddy Zabriskie tinha sido a disciplina da minha vida. Ela descobriu que estava grávida na semana a seguir a terem terminado a faculdade, e, aos vinte e três anos, casaram-se com a sua nova bebé, a Daphne. Eu disse a mim mesma para ter em mente o quão jovem ela ainda era quando ele a deixou com duas filhas, a segunda ainda de fraldas, para

poder voltar a trabalhar a tempo inteiro no barco de pesca da família. Ele disse-lhe que o seu destino era o oceano e que não ia deixar que a visão dela da vida o definisse. Disse-lhe de facto isso. Contou-mo quando estava a morrer. Qual teria sido a visão da vida da nossa mãe naqueles dias? Pagar a renda? Comprar comida? Tentei imaginar como me teria saído em circunstâncias semelhantes e tudo o que podia dizer era que não teria sobrevivido, tal como não teria sobrevivido se fosse atirada de um avião com duas crianças pequenas. A nossa mãe, que me tinha irritado profundamente durante a maior parte da minha vida, conseguiu algo tão heroico que devia haver canções escritas sobre ela para serem cantadas à volta de fogueiras por escuteiras.

*Abigail Zabriskie o caminho criou
Para que dias melhores pudéssemos ver
Poder falhar nunca imaginou
À Abigail um brinde devemos erguer.*

A Leda colocou o correio na bancada e largou a mala. Trouxe uma lata de água com gás com sabor a lima para cada uma.

— Continuo a tentar formar uma imagem mental do Eddie. Parece-me mais um parente de visita do que alguém com quem a mãe se casou.

— Eras muito pequena naquela altura.

— Mas ele causou uma impressão. Como se a nossa infância tivesse sido uma confusão caótica, exceto por aquela pequena parte em que o Eddie viveu connosco, apesar de eu não me lembrar do que ele fez para que parecesse assim. Era um tipo simpático, não era?

— É essa a minha memória.

A sala de estar da Leda oferecia inúmeras opções de lugares para nos sentarmos, mas ambas escolhemos o mesmo sofá pequeno, sem sapatos e com os pés a tocarem-se.

— Ele parecia feliz quando o viste?

Abri a minha lata de água com gás e bebi. Chorar dá-me sede, o que é psicossomático, eu sei. Não tinha chorado o equivalente a esta lata de água com gás.

— Acho que sim, mas quem pode dizer se outra pessoa está feliz com base num único almoço? Ele ficou chocado por me ver, isso é claro. Ficámos ambos chocados. Desatei a chorar quando ele se apresentou. Solucei. Não faço ideia de onde aquilo veio.

— De onde achas que veio?

A Leda abriu a sua água com gás e entalou as pernas debaixo de si como um cisne.

— Não te armes em profissional comigo — disse eu. Admirava o profissionalismo da minha irmã e não queria ter nada que ver com isso.

— Estou a falar a sério. Por que razão achas que choraste? Não é exatamente a tua reação emocional habitual.

Peguei numa almofada decorativa com uma papoila vermelha gigante bordada na frente e segurei-a contra o peito, o meu coração desabrochado e a sangrar. Uma das suas clientes tinha-lha feito quando se mudara, obviamente para garantir que a Leda nunca mais passasse pela sua própria sala sem pensar nessa mulher desaparecida. Porque é que chorei quando percebi que o Eddie era o Eddie? Porque é que estava tão perto de chorar outra vez agora? Porque o tinha amado e tinha arruinado a vida dele.

— Houve uma altura em que carreguei muita culpa pelo divórcio, por o Eddie ter perdido o emprego, coisas infantis, eu sei. Ter-te-ia dito que isso já não fazia parte de mim, mas acho que ainda restava uma lasca. No subconsciente, não no consciente. Não pensava nele há décadas.

A Leda acenou com a cabeça e tomou um longo gole da lata.

— Senti o mesmo.

Essa era a diferença entre ser a cliente e ser a irmã — a irmã-psicóloga podia participar na conversa.

— O que é que podias ter feito ao Eddie? — perguntei. — Estavas no primeiro ano quando ele se foi embora. Eras um bebé.

— A lógica não tem nada que ver com isso, e, para que conste, eu estava no segundo ano. Tinha quase oito anos. Tive apêndicite, depois tu e o Eddie tiveram o acidente de carro e a seguir ele esteve no hospital...

— ... e, depois disso, foi-se embora.

Ela acenou com a cabeça:

— Exatamente. Se eu não tivesse dito que estava doente, toda a cadeia de acontecimentos não teria sido desencadeada e ele não teria tido de se ir embora.

— E tu terias morrido de uma rutura do apêndice.

— Para cada ação, há uma reação igual e oposta.

— Alguma vez processaste tudo isso já adulta?

A Leda tinha tido de passar por muita terapia no seu percurso para se tornar ela própria psicóloga.

— Curiosamente, não. De alguma forma, este capítulo breve, mas significativo, permaneceu subterrâneo. Isto é uma revelação em tempo real. Então, tu e o Eddie falaram sobre o acidente?

— Na Sala de Jantar do Met? O assunto não surgiu. Para dizer a verdade, o acidente não é algo de que tenha falado com ninguém, quero dizer, além de ti.

— E do Jonathan.

Bebi a minha água com gás e segurei a almofada.

— Na verdade, não. Quero dizer, ele sabe que sofri um acidente de carro quando era pequena.

Toquei na fina linha branca que me descia pelo lado esquerdo da testa e desaparecia na linha do cabelo, perto da parte superior da orelha. Não se conseguia ver, se eu tivesse o cabelo solto, e, por essa razão, mantinha-o solto. O Jonathan vira-a quando estivemos na cama pela primeira vez. Inclinar-se sobre mim e traçara-a com o dedo.

— Qual é a história por trás disto? — perguntara ele, e eu contei-lhe. Tinha sofrido um acidente de carro quando era miúda, nada de grave, ninguém ficou gravemente ferido.

— Ele perguntou-te quem estava a conduzir?

Era por isso que a minha irmã era a Dra. Ha, «A Sua Psicóloga». Ela sabia sempre qual era a pergunta seguinte.

— Eu disse-lhe que era a mãe quem estava a conduzir.

A Leda abriu a boca e deixou-a aberta, num gesto incrivelmente comovente. Perguntei para comigo se tentava fazer o mesmo com os seus pacientes.

— Eu sei, eu sei.

— Vai à terapia, irmã.

— Porquê? Porque não contei ao tipo com quem fui para a cama sobre o Eddie Triplett? Foi uma simplificação excessiva.

— Na minha profissão, chamamos a isso uma mentira.

— Não me apetecia abrir-me com ele naquele momento.

— Não te apetecia abrir-te com ele, mas tinhas acabado de fazer sexo com ele?

— Caramba, Leda, lembras-te de fazer sexo com pessoas pela primeira vez, não te lembras? Mergulhos profundos em traumas de infância estragam tudo a toda a gente. Contaste ao Steve sobre o teu apêndice da primeira vez que dormiste com ele? Ele deve ter visto a cicatriz.

Ela abanou a cabeça e sorriu ao recordar alguma memória íntima.

Mais tarde, quando o Jonathan se tornou o Jonathan-do-Amor-Verdadeiro, nunca encontrei o momento certo para me corrigir.

— Se ele achou que foi a mãe quem enfiou o carro numa árvore, bem, o Jonathan nunca gostou dela de qualquer forma.

Ela acenou com a cabeça. Se fosse um jogo de ténis, eu teria ganho um ponto contra ela.

— Bem, queres ouvir uma coisa louca?

— Estes são tempos loucos.

— Nunca me falaste do acidente.

Fiquei surpreendida. Como é que ela se tinha esquecido?

— Claro que falei.

— Quando?

— Quando voltaste do hospital.

— Quando eu tinha sete anos.

Partilhávamos um quarto na casinha em Winchester. Duas camas individuais, uma mesinha de cabeceira entre elas e um candeeiro com um abajur de tecido pontilhado. A Leda podia comer gelados, gelatina e papas. Disseram-lhe para descansar e, quando não estava a descansar, disseram-me para lhe ler *Harriet, a Espia* e jogar ao «Peixinho». Perguntei-lhe o que tinha acontecido no hospital e ela perguntou-me o que tinha acontecido no carro.